

Agnès Boixader

Bom dia e sejam muito bem-vindos.

Chama-me a atenção o número de crianças e jovens que temos aqui hoje. Imagino que alguns dos mais velhos que ainda não chegaram estejam a tomar o pequeno-almoço. Espero que se juntem a nós em breve.

Antes de mais, fazendo eco das palavras de Marina Garcés, que falou sobre a gratidão no primeiro dia, gostaria de expressar o meu agradecimento muito especial à organização e, em particular, a estas duas maravilhosas mulheres brasileiras que hoje me acompanham: Rosália Diogo e Angélica Dass.

Ambas viveram as suas próprias histórias sem se conhecerem, até que os seus caminhos se cruzaram num determinado momento. É assim que funciona a história: vidas paralelas podem desenvolver-se de formas radicalmente diferentes e, um dia, cruzar-se. E é precisamente nesse encontro, nesse reencontro de que também falou Philippe Meirieu, que podem nascer novas relações e, provavelmente, novas experiências.

Pelo que li sobre elas, pelo que conheço das suas trajetórias profissionais e pelos projetos que pude conhecer, são mulheres que partilham muitas das preocupações que também senti ao longo da minha vida. Uma delas é a necessidade de nos educarmos.

No meu caso, isso foi complicado, porque a minha família não tinha recursos suficientes para me permitir o luxo de estudar. Mas conseguimos fazê-lo.

São também mulheres que, tal como eu, lutam pela paz e pela defesa dos direitos humanos. Direitos que são cada vez mais postos em causa e que, com uma frequência crescente, são apresentados como algo de que poderíamos prescindir.

Mas gostaria sobretudo de dizer aos jovens que estão aqui: leiam a Declaração Universal dos Direitos Humanos e verão que não podemos abdicar de nenhum deles. Muito pelo contrário. Na universalidade de que Suleiman também falou no outro dia, tem de existir uma fraternidade universal.

Antes de começarmos, gostaria de falar de ética e de estética.

Não sei se o João Carlos ainda está aqui, mas gostei muito da sua ideia de ética como uma relação entre uma pessoa e outra: uma relação que se estabelece olhando-nos mutuamente, conhecendo-nos, olhando nos olhos do outro e escutando o seu pedido; escutando aquilo que essa pessoa nos pede num determinado momento e respondendo.

Numa relação ética, portanto, temos a obrigação de assumir a responsabilidade de dar essa resposta, sabendo que provavelmente nunca será completamente adequada e que teremos de continuar a pensar sobre que outras respostas podemos oferecer.

Se a educação é alguma coisa, não é simplesmente instrução ou doutrinação. É sempre uma questão de ética.

E é a ética que nos mostra um caminho — um caminho, não o único — para aprendermos a amar e a assumir responsabilidades no nosso encontro com os outros.

Com os outros e com o mundo, compreendendo que natureza e cultura coexistem no mundo.

A ética permite-nos desenvolver um sentimento de pertença sem qualquer forma de agressão ou violência contra os outros.

Por outro lado, a estética, nas suas diferentes manifestações e formas — as artes visuais, a literatura, a música, a fotografia — serve de guia para desenvolvermos o bom gosto e permite-nos sentir e saber que somos livres, ou pelo menos avançar em direção a uma possível liberdade.

O trabalho destas duas mulheres que hoje me acompanham, tanto o seu trabalho mais artístico como a investigação e os projetos que desenvolvem com pessoas de diferentes partes do mundo, tem precisamente em conta estas dimensões éticas e estéticas.

Quando alguém fazia alguma travessura, a minha avó costumava dizer: «Isso é de mau gosto.»

E tinha razão: quando algo causa dano, é de mau gosto, embora seja muito mais do que isso.

Permitam-me apresentá-las muito brevemente.

Começarei pela Rosália, que falará durante dez minutos sobre os projetos que desenvolve em diferentes partes do mundo, sobretudo no continente africano e no seu próprio país, o Brasil.

Depois apresentarei a Angélica, que nos falará dos seus próprios projetos.

Dependendo do tempo de que dispomos, poderemos colocar-lhes algumas perguntas e ouvir também as suas sugestões e reflexões sobre a cidade educadora.

Não vou dizer muito sobre a Rosália porque, como sempre, podem encontrar muita informação sobre ela nas redes sociais. Limitar-me-ei a dizer que as suas principais áreas de interesse são o feminismo e o racismo. E isso já diz muito.

Rosália analisa detalhadamente a forma como os meios de comunicação abordam os discursos racistas e estuda a influência que exercem na construção de narrativas que reforçam estereótipos e preconceitos.

Longe de contribuírem para os desconstruir, explica que os meios de comunicação acabam muitas vezes por se tornar um pretexto para a sua disseminação e consolidação na sociedade.

Ela traz uma perspetiva científica para os problemas que analisa e questiona o mito da democracia: a democracia não é verdadeiramente democrática se não chegar a todos os cantos da sociedade.

Gostaria agora de ler algumas palavras suas que me impressionaram profundamente quando a conheci:

«Sou uma mulher negra. Toda a minha família é negra de origem. De uma família pobre, nasci no interior da cidade de Nanuque, no estado de Minas Gerais.

A minha infância e adolescência foram marcadas por atos de racismo extremamente violentos, tentativas de desumanização e de descrédito.

Cresci e acabei por chegar a Belo Horizonte, onde comecei a trabalhar, tanto para contribuir como para proteger a minha saúde mental.»

Quando penso nestas palavras, penso em quantas pessoas aqui também têm de se afastar da pobreza e dos lugares onde vivem para proteger a sua saúde mental e desenvolver-se como seres humanos.

O Brasil tem uma história muito longa de escravatura, muito mais longa do que a falsa impressão criada pela sua suposta abolição.

Durante quase quatrocentos anos, africanos e pessoas de ascendência africana foram escravizados, e passaram menos de cento e quarenta anos desde a chamada abolição.

E continuamos a ser discriminados, desacreditados, negados, humilhados e desumanizados, apesar de as pessoas negras e pardas constituírem a maioria da população brasileira.

Rosália, quando estiver pronta.

Rosália Diogo

Bom dia a todas e a todos os participantes neste congresso.

Obrigada às minhas colegas de mesa e, especialmente, à professora Agnès por moderar esta sessão.

Gostaria também de saudar Angélica Dass, que conheci recentemente e com quem, desde então, construí uma amizade.

Quero agradecer à organização do evento e felicitá-la pela amplitude e profundidade do congresso e do seu tema, pela sua estrutura, pela reflexão que propõe e pelas questões que estão a ser abordadas.

Gostaria de agradecer especialmente aos membros do Comité Científico e, em particular, à professora e querida amiga brasileira Angélica Sátiro, filósofa e pensadora inventiva.

É uma honra e uma alegria estar aqui.

Vejo que uma grande parte do público é constituída por mulheres. E penso que não seríamos nada se nós, mulheres, não existíssemos neste mundo.

Por isso, ao saudar também os jovens e estudantes que participam neste congresso, gostaria de partilhar um fragmento de um poema de uma mulher negra brasileira que muito admiro e cujo trabalho percorreu o mundo: Conceição Evaristo.

Ela escreve:

«A noite não dorme nos olhos das mulheres.

A lua, feminina, como nós,
mantém-se vigilante, atenta, guardando a nossa memória.

A noite não dorme nos olhos das mulheres.

Há mais olhos do que sono.»

Somos as mulheres vigilantes e atentas que apelam aos homens para que estejam ao nosso lado em todos os momentos, na procura de uma democracia efetiva e da igualdade.

No meu país, a violência contra as mulheres está a aumentar, sobretudo a violência contra as mulheres negras. O feminicídio está a crescer a um ritmo alarmante no Brasil.

Precisamos de homens lúcidos, sensíveis e conscientes que contribuam para desconstruir e pôr fim a este derramamento de sangue, a este assassinato de mulheres negras.

Sinto-me muito em casa aqui porque sou educadora e trabalho na produção cultural. Trabalho, portanto, com a educação, com a cultura e com as diferentes dimensões da cidade.

E aqueles que participam na luta contra o racismo precisam claramente de pensamento crítico e criatividade. Sem eles, não avançaremos.

Como a Agnès explicou muito bem, nasci numa pequena cidade do interior do estado onde vivo e saí para o mundo à procura de espaços e lugares que me acolhessem com dignidade e respeito, simplesmente porque sou um ser humano.

E aquilo que encontrei, não só no Brasil como também noutros lugares, foi muita violência, hostilidade e tentativas de diminuir as nossas capacidades físicas e intelectuais.

Fiquei profundamente afetada pelo que vi na televisão e nos meios de comunicação sobre aquilo que Espanha fez a Vini Júnior.

E, pelo que vejo, continua a fazer.

Assusta-me ver até que ponto o racismo explícito e os processos de desumanização podem afetar até alguns dos melhores jogadores de futebol do mundo.

Dei por mim a perguntar: «E se eu for para esse país e me baterem e me expulsarem? E se sofrer violência física ou moral? Será que este país é realmente diferente do meu, que é tão racista?»

Mas hoje estou aqui, acolhida por este congresso, rodeada de pessoas sensíveis que refletem sobre a diferença, que pensam, que se preocupam e que trabalham pela inclusão da diversidade.

E esse é um dos objetivos deste congresso.

Somos chamados a ser criativos e engenhosos e a falar precisamente sobre os processos que tentam tornar-nos desiguais.

Somos diferentes, sim, porque cada ser humano tem a sua própria forma de agir, pensar, comportar-se e praticar.

Mas esta sociedade global não pode continuar a desumanizar os outros por causa das suas crenças, do seu género ou da cor da sua pele.

O professor Tonucci disse há pouco uma coisa que me deixou muito feliz. Descreveu uma situação em que alguém entra numa sala de aula à procura de determinado aluno e, quando o aluno é identificado, dizem: «É aquele que está de camisola vermelha.»

Era um aluno negro, se bem percebi.

A cor da pele do aluno não era o que importava. Identificaram-no pela roupa que vestia.

No Brasil e em muitas outras partes do mundo onde tive oportunidade de viajar, a nossa cor de pele chega antes de nós.

A cor da nossa pele torna-se uma razão para sermos tratados de forma desumana e desigual, para sermos excluídos, afastados dos processos de igualdade e privados do respeito que merecemos enquanto seres humanos.

E aquilo que fazemos constantemente, professora Agnès, é precisamente o que acabou de ler na minha pequena biografia.

Temos de recordar que África é o berço da humanidade e que, portanto, somos todos de ascendência africana.

Acredito que isso está hoje demonstrado.

Não sou apenas eu, Rosália Diogo, a dizê-lo. A ciência demonstrou que África é o berço da humanidade.

Como podem pessoas de ascendência africana excluir outras pessoas de ascendência africana por causa da tonalidade da sua pele?

Não faz sentido. É irracional.

E estamos aqui, no meu quotidiano em Belo Horizonte, em África, onde quer que eu esteja, e também aqui neste congresso, a propor reflexões que funcionam como contraponto.

Digo que sou uma mulher africana da diáspora brasileira e que este meu corpo percorreu diferentes lugares.

Gostaria agora de vos mostrar algumas imagens da Rua da Arte.

Esta é a Rua da Arte em Maputo, a capital de Moçambique. Ali, pessoas maioritariamente negras criam formas de expressar a sua identidade através de representações nas ruas da cidade.

Estão a transformar o bairro através desta Rua da Arte e a preenchê-lo com elementos ligados à sua identidade africana.

Este é o modelo de Maputo, em Moçambique.

Gostaria também de vos mostrar a Rua da Arte de outro país africano que visitei no mês passado: Cabo Verde.

Aqui está a sua capital, Praia.

Também existe ali uma Rua da Arte, com uma galeria criada por um artista, porque muitos artistas não dispõem de um espaço digno onde possam desenvolver e apresentar o seu trabalho artístico.

Não queremos criar guetos.

Queremos estar juntos com todos, mulheres e homens, mostrando o nosso talento.

Belo Horizonte, Casa Viva, Educação e Cultura é o nome desta escola primária para crianças dos seis aos catorze anos.

Na parede da escola há uma frase que considero muito significativa:

«É impossível compreender o Brasil sem conhecer África.»

Concordo plenamente.

No Brasil, produzo uma revista que também está presente nas redes sociais: a revista Cangerê.

Foi inspirada num projeto que descobri em 2014, quando estava a realizar a minha investigação de pós-doutoramento aqui em Barcelona.

Essa experiência, que inspirou a revista Cangerê, foi a revista Criar Mundos, criada em conjunto com Helike Sátiro.

Quando regresssei ao Brasil, pensei: «Vamos criar uma revista onde possamos levantar as nossas próprias questões e dar visibilidade à arte e à cultura negras e africanas.»

E foi assim que nasceu a Cangerê.

Esta foi a primeira capa.

Agora temos Paulina Chiziane, uma grande intelectual moçambicana cujo trabalho tive a alegria e a honra de investigar para a minha tese de doutoramento, comparando-o com o trabalho da nossa escritora brasileira Conceição Evaristo.

Paulina Chiziane recebeu o Prémio Camões de Literatura em 2021, um dos mais importantes prémios literários do mundo.

Antes dela, o nosso querido Chico Buarque de Holanda tinha recebido o prémio.

Esta é outra edição da nossa revista Cangerê.

Tenho a honra e a alegria de estar aqui com o Príncipe Eixodá, em Luanda, a capital de Angola.

Na minha mão tenho precisamente o número da Cangerê que acabei de vos mostrar.

Por isso, quando falamos de vida intelectual negra, de vida intelectual africana, de arte africana e de cultura africana, estamos também a falar de tudo isto no Brasil.

Tenho também orgulho e alegria por ter visitado sete países africanos e por me identificar plenamente com aquilo que foi criado nesses lugares: com a sua vida intelectual, com o seu desejo de reconhecimento, com os países africanos e com as suas populações, artistas e pensadores.

Estas cidades africanas deixaram a sua marca em mim, tal como nós procuramos fazer o mesmo no Brasil.

Como este congresso propõe, as artes e as culturas também têm de estar presentes nas ruas.

Na Praia, a capital de Cabo Verde, a Rampa dos Poetas, no centro da cidade, fala-nos dessa vida intelectual africana que educa através das ruas. O mesmo acontece com o mural que encontramos nas ruas da capital cabo-verdiana.

«O meu país é uma canção.»

A música, a literatura e as artes visuais encontram-se nas galerias e nas escolas, mas também estão nas ruas.

Olhem para esta parede.

Foi por isso que tive tanta vontade de estar neste congresso.

O meu tempo está quase a terminar. Vi algo neste espaço que, penso eu, também fala da importância de estar na rua.

E é tudo.

Perdoem-me por me ter alongado um pouco mais. Queria simplesmente explicar quão forte sinto a ligação entre aquilo que estamos a fazer, esta cidade e este congresso.

Agnès Boixader

Muito obrigada.

A Rosalia mostrou-nos diferentes formas através das quais os cidadãos podem reivindicar e transformar o espaço urbano.

Sem sugerir que tudo aquilo que ela explicou possa ser transferido diretamente para Granollers, podemos certamente compreender como isso nos pode inspirar.

E reparem como ela nos falou através da poesia, da arte, da necessidade de abraçar a diferença e do reconhecimento de que, de uma forma ou de outra, todos partilhamos antepassados comuns.

Gostaria agora de apresentar Angélica Dass.

A Angélica também é brasileira, embora trabalhe em Espanha há muitos anos.

Podem procurar o seu projeto Humanae. Imagino que também falará de Lucy e daquilo que a Rosalia já mencionou.

Para a apresentar, e tal como fiz com a Rosalia, gostaria de ler uma passagem que ouvi há alguns anos num vídeo do YouTube e que achei fascinante.

Ela pergunta qual é a cor do lápis «cor de carne».

Branco? Preto? Roxo? Amarelo?

«Nasci numa família muito colorida. O meu pai era castanho-chocolate intenso.»

Fico por aqui, porque imagino que ela desenvolverá esta ideia mais adiante, e penso que é uma ideia muito bonita.

A partir de agora, quando pedirmos a alguém que pegue no lápis cor de carne e essa pessoa nos entregar o preto, já não poderá dar a mesma resposta.

É contigo.

Angélica Dass

Era exatamente assim que eu ia começar novamente.

Não sei se alguém já ouviu isto antes, mas descrevo sempre a minha família da mesma forma. Por isso, alguns de vocês podem estar a ouvir esta história novamente.

Mas gosto disso. É uma celebração, uma forma de entrar neste projeto e de o explicar.

Porque, de facto, nasci numa família muito colorida.

O meu pai é filho de uma mulher que lhe deu uma cor de chocolate intenso.

O meu pai foi adotado pelas pessoas que conheço como os meus avós.

A matriarca, a minha avó, tinha uma pele cor-de-rosa de porcelana e cabelos de algodão.

O meu avô era uma mistura de iogurte, baunilha e morango, tal como o meu tio e o meu primo.

A minha mãe, Canela, é filha de uma mulher descendente de povos indígenas, uma mistura de aveia e mel.

A minha mãe tem duas irmãs: uma com a cor do cacau torrado e outra, que foi adotada, com a cor de um pastel.

E o meu avô: café com leite, com muito café e muita personalidade.

Ao crescer nesta família, a cor nunca foi obviamente importante para mim. Mas fora de casa, as coisas eram diferentes desde muito cedo.

Como ouvimos a Rosalia falar sobre o Brasil, aqueles que foram libertados em 1888 continuaram a servir os outros ao longo de todo o século XX e, agora, no século XXI, continuamos a poder falar desta história.

Este projeto nasceu no seio desta família muito colorida, mas nunca compreendi por que razão classificávamos os seres humanos como brancos, roxos, negros e amarelos e associávamos essas categorias ao conceito de raça.

Digo sempre que comecei a tirar fotografias depois dos trinta anos, mas comecei a pensar em tudo isto quando tinha a idade de alguns dos estudantes com quem trabalho hoje.

Nunca compreendi o dia em que a minha professora mostrou um lápis cor-de-rosa e lhe chamou «cor de carne».

Obviamente, não era a minha.

Este trabalho também surgiu porque eu vivia aqui. Casei com um espanhol, um daqueles cor-de-rosa que passam cinco minutos ao sol e ficam roxos como um camarão.

Acreditem: costumavam perguntar-me de que cor seria o meu filho.

Para mim, isso não era importante, mas parecia ser muito importante para toda a gente.

Por isso, decidi mostrar como vejo a minha família, que é também a forma como vejo o mundo.

Tiro uma fotografia contra um fundo branco, retiro um quadrado de onze por onze da cor do nariz da pessoa, pinto o fundo e procuro a cor correspondente nessa linguagem cromática a que chamamos Pantone.

E, para tornar a questão clara, se estou a falar de azul, de que azul estou a falar?

Do azul do céu, do mar ou de uma borboleta?

Nesta linguagem de cores existem inúmeros números para o preto e diferentes números para o branco.

Aqui fica um spoiler: obviamente, não encontrei um único ser humano que se encaixasse exatamente em nenhuma dessas duas cores.

A reflexão por detrás do trabalho consiste precisamente em perguntarmo-nos por que razão nos reduzimos desta forma.

Como podem ver, todas as cores do projeto cabem dentro do meu presépio.

Este é o meu pai. Já sei como vou ser quando for mais velha. E esta é a minha avó.

Isto ajuda a explicar por que faço aquilo que faço e como vejo aquilo que existe dentro da minha própria família.

O projeto começa neste espaço: a galeria, o museu. Na imagem, vejo pessoas a observar, algo que normalmente acontece nas exposições.

Mas, no Largo da Vinci, em Milão, o projeto está dentro do Departamento de Genética, porque, de certa forma, é precisamente disso que estamos a falar.

Adoro os museus de ciência porque aí fica claro que já não estou simplesmente a contar a história da minha família.

Aqui gostaria de ler algo que acompanha esta fotografia:

«Olhos, pele, pele. Nós, seres humanos, somos maravilhosamente coloridos, mas a cor da pele tem sido utilizada para dividir as pessoas em raças, e as ideias sobre raça foram durante muito tempo utilizadas para justificar genocídios, segregação e discriminação.

Mas, como disse a Rosalia, somos 99,9% geneticamente idênticos.

Todas as pessoas nesta sala partilham os mesmos antepassados antigos e, obviamente, pertencem à mesma espécie.»

É por isso que gosto tanto da versão atual deste museu, o Museu Americano de História Natural, em Nova Iorque. No centro está Lucy, este australopiteco que nos liga a todos, e, ao fundo, podem ver esta parede cheia de cores.

Mas tenho de dizer que aqui estamos numa cidade educadora e o meu lugar preferido é precisamente a rua.

Como podem ver, ocupando o espaço público em diferentes partes do mundo.

Porque isto acontece, não é? Há jovens à procura de si próprios e a falar da sua própria identidade. E há também aquele homem que muitas vezes não acredita que pertença ao White Cube, ao museu, mas que também faz parte da conversa.

Alguns números deste projeto: tenho quase cinco mil retratos de vinte países e trinta e nove cidades de todo o mundo.

De Adis Abeba, na Etiópia, a Daegu, na Coreia do Sul. Nas Américas, dos Estados Unidos, México e Canadá ao Brasil, Argentina, Chile e Equador. E também em muitos lugares da Europa.

Mas talvez a informação mais importante que encontrarão nestas fotografias seja precisamente a falta de informação.

Não sabem quem é pobre ou rico, quem é imigrante e quem não é, nem onde tirei cada fotografia.

Qualquer informação que acrescentem a estas imagens — e lamento dizê-lo — pertence exclusivamente aos vossos estereótipos.

O que acontece quando agimos desta forma?

Tenho retratos tirados em Paris, na sede da UNESCO, e de pessoas em situação de sem-abrigo.

Trabalhei com escolas no Rio de Janeiro, em favelas, e também na Suíça.

Com pessoas com todo o tipo de capacidades diferentes. E aqui em Espanha trabalhei extensivamente com a ONCE.

Todas estas pessoas contribuíram voluntariamente para criar este mosaico.

E isto acontece muitas vezes, não é?

Podem ver que, aos pares, têm exatamente a mesma cor, mas alguns de nós provavelmente classificá-los-iam como pertencentes a raças diferentes.

É evidente que o conceito é uma construção social.

E, se é uma construção social, podemos desconstruí-la.

É por isso que saio da parede do museu.

Isto é precisamente uma parte daquilo que fizemos aqui.

Usamos as cores primárias, o branco e o preto, para que os estudantes possam criar a sua própria cor.

E, já agora, não é necessário comprar kits de cores da diversidade. Isso não passa de uma tentativa de comercializar um tema.

Usamos as cores primárias, o branco e o preto, que parecem mágicas às crianças quando a cor da pele surge a partir de cores que não parecem humanas.

Misturamos roxo e verde — o verde é amarelo e azul — e obtemos castanho.

E, a partir desse castanho, somos capazes de criar absolutamente todas as tonalidades.

Para mim, este castanho é importante porque celebra aquela primeira família de Homo sapiens que migrou do continente africano.

Não sei se procuravam aventura ou uma vida melhor.

O que sei é que estamos todos aqui graças a essa família.

É muito importante que os estudantes compreendam que partimos do mesmo material e que o resultado final será único e diferente em cada um deles.

Aqui podem ver o processo.

Também adoro o facto de passarmos pelas mesmas cores antes de chegarmos à nossa própria cor.

As suas obras de arte são muito mais interessantes do que qualquer coisa que eu pudesse fazer.

E quero insistir: quando falo de diversidade, não estou a falar da quantidade de melanina que temos na pele.

Por exemplo, neste grupo de estudantes trabalhei com alunos surdos e havia também um aluno com autismo, porque trabalho com diferentes capacidades.

Gostaria de destacar especialmente este projeto realizado numa escola da República Checa, onde formámos quarenta e oito estudantes para se tornarem multiplicadores.

O desafio consistia em trabalhar com muitos estudantes brancos e cor-de-rosa, entre os quais, em teoria, não haveria grande diversidade entre as cores que iríamos pintar.

Mas vejam isto: talvez a informação mais importante tenha sido que a única coisa verdadeiramente branca era o papel sobre o qual estávamos a pintar.

É uma construção social.

O problema não está nas palavras «branco» ou «negro», mas nos adjetivos que associamos ao que é branco e ao que é negro.

Estes quarenta e oito estudantes desenvolveram o trabalho com 2.500 estudantes da região da Morávia.

A ideia era falar sobre as gerações futuras, sobre a forma como irão fazer as coisas e, tal como os participantes no nosso congresso, estes estudantes foram os líderes no desenvolvimento do projeto.

Como podem ver, o objetivo é que saiam para a rua e ensinem.

Neste caso, aconteceu durante a Semana da Educação Artística no Chile. Setenta e cinco mil estudantes de todo o país, de todas as idades, participaram, criando autorretratos inspirados no Humanae e levando-os para a rua para lhes dar visibilidade.

E, finalmente, chegamos a Granollers. Estou quase a terminar.

Estive aqui em outubro passado, a formar noventa multiplicadores.

Foram eles que deram vida a estes autorretratos, vindos de diferentes partes e bairros da cidade.

Tive a honra de acompanhar este processo, como também podem ver através do Instagram, porque a parte mais bonita foi o facto de me terem partilhado tudo aquilo que estava a acontecer ao longo do caminho.

Aqui podem ver algumas imagens de como ocuparam coletivamente o espaço público com estes autorretratos e até como encontraram formas criativas de levar o projeto a pessoas que ainda não estão familiarizadas com o conceito de raça, como os tecidos que encontrámos numa escola de educação infantil.

É uma forma de mostrar que vivemos num mundo cheio de cores, mesmo quando este conceito ainda não é compreendido.

Ou as fotografias de crianças à procura de plantas de cerâmica, que é aquilo que fazemos quando ainda são demasiado pequenas para fazer um autorretrato.

Por isso, tenho de dizer que estou muito feliz por ter encontrado este trabalho e muito orgulhosa dele.

E isto é uma parte daquilo que está agora na rua.

Nunca conseguirei retratar os oito mil milhões de pessoas que habitam o planeta. Mas, sem educação, nunca conseguirei chegar até elas.

E perdoem-me por me emocionar um pouco, porque isto, por exemplo, é um presente que uma menina me trouxe esta manhã: a minha mini-eu.

Ela procurou saber quem eu era, descobriu a minha cor Pantone e criou uma versão de mim.

Tenho de dizer que aquilo que recebi e que levo para casa, cheio de amor, é precisamente isso: o amor que Granollers me deu.

Não posso inventar uma máquina do tempo para voltar aos meus colegas de escola, mas, com a ajuda dos professores, podemos transformar a experiência para que nenhuma outra criança tenha de passar pelas experiências negativas que vivi na escola e que, em última análise, me levaram a criar trabalhos como este.

Muito obrigada e perdoem-me por ter ultrapassado o tempo que me estava destinado.

Agnès Boixader

Reparem como aquilo que estamos a fazer é, de certa forma, saltar através da dimensão do tempo.

Falámos anteriormente sobre como, para pensar — e não apenas para desenvolver o pensamento crítico — precisamos de tempo.

Penso que cada uma das duas experiências que nos apresentaram permite a todos os que aqui estão pensar, procurar formas de as imitar, inspirar-se nelas ou até fazer algo radicalmente diferente, mas tomando como ponto de partida aquilo que nos explicaram.

Tudo isto tem um objetivo: transformar a cidade.

De certa forma, tanto o projeto da Angélica como os projetos da Rosalia são projetos que constroem pontes.

John Powell falou-nos da necessidade de construir pontes: pontes simples e complexas, pequenas e grandes, frágeis e fortes.

E aquilo que nos explicaram são precisamente formas de construir essas pontes.

Agora gostaria de vos fazer algumas perguntas, embora tenhamos pouco tempo, porque poderia conversar convosco durante horas.

Rosalia, na sua investigação fala de patologias, das patologias que afetam a sociedade brasileira, que, pelo que entendo, não são exclusivas do Brasil mas, infelizmente, afetam sociedades de todo o mundo.

Fala de racismo, lesbofobia, transfobia, classismo e também do facto de a nossa sociedade não ter consciência — e esse é o grande perigo — dessas patologias.

Quando não temos consciência de uma doença, comportamo-nos como alguém que não precisa de ir ao médico porque não reconhece que está doente. E, embora a doença exista, se não for acompanhada, pode acabar por se agravar.

A sociedade funciona exatamente da mesma forma.

Não sabe — porque escolhe não saber — quais são as patologias de que sofre.

Por isso, gostaria de vos perguntar às duas: como podemos, a partir da cidade, tornar estas patologias visíveis sem as agravar, mas, pelo contrário, ajudando a reduzi-las? Como podemos mostrar os nossos medos, que tantas vezes nos impedem de abraçar a diferença?

Quando estiverem prontas.

Angélica Dass

Talvez a resposta esteja na cidade, porque a escola pertence à cidade, e também na comunidade, através da criação de espaços de diálogo dentro da educação.

Em muitos casos, o trabalho centra-se nas raparigas, mas, acima de tudo, penso que precisa de se centrar nos professores.

Talvez aquilo que tento fazer com o meu trabalho, de uma forma geral, seja criar espelhos com coisas que, em teoria, são muito diferentes.

Como ouvimos noutras ocasiões, tento encontrar esses nós, esses pontos que temos em comum.

Penso que a forma de criar esse momento de diálogo e de reconhecer a doença é, literalmente, colocar esse espelho diante de nós.

No meu caso, faço isso através da minha prática, através do ensino: mostrando narrativas, tentando ampliar aquilo que acreditamos ser o mundo, o seu universo e a sua história — coisas que muitas vezes pensamos pertencer apenas a nós — e procurando formas de abrir essa perspectiva.

Agnès Boixader

O problema, parece-me — e vou devolver-vos a pergunta — é que a escola é, afinal, e isso é verdade, uma representação da sociedade. Mas muitas vezes aquilo que acontece na escola não chega à rua.

Neste caso, aquilo que fizeram com os estudantes em Hanói tornou-se visível na rua. Mas a minha pergunta é até que ponto os cidadãos percebem o trabalho que está a ser feito na escola.

Angélica Dass

Vou insistir nesta ferramenta, porque uma das coisas que faço sempre com estes projetos é perguntar às escolas se existe um antes e um depois daquilo que acontece dentro delas.

Porque essa é a questão: aquilo que faço funciona ou não?

Uma das respostas que recebo é: «Na minha turma, já ninguém fala em cor de carne e, se alguém o fizer, os próprios alunos corrigem essa pessoa.»

Uma mãe veio perguntar o que tinha acontecido na aula porque o filho tinha chegado a casa a corrigi-la quando ela disse que uma peça de roupa era cor de carne.

Quando damos a uma criança argumentos que lhe permitem pensar — estamos a falar de pensamento crítico — e ir para casa e continuar essa reflexão, acredito que estamos precisamente a criar a ligação entre aquilo que acontece na rua, fora do centro educativo, e aquilo que acontece dentro dele.

Rosália Diogo

Há muito tempo que digo que o Brasil, a sociedade brasileira, sofre de várias doenças.

Poderia enumerar algumas: é um país homofóbico, transfóbico, racista, sexista e patriarcal.

O Brasil é o país onde é assassinado o maior número de pessoas trans no mundo.

A população negra constitui a maior parte da sociedade brasileira, e o Brasil tem a segunda maior população negra do mundo, depois da Nigéria, no continente africano.

É absurdo ver até que ponto somos discriminados e até que ponto a estrutura social brasileira privilegia, abraça e promove uma cultura enraizada na Europa e na América do Norte, negando a possibilidade de uma perspectiva afrocêntrica — isto é, de colocar a nossa cultura e a nossa arte no centro enquanto forças capazes de propor e criar.

Por isso, acredito que movimentos como este, nos quais falamos e debatemos estas questões e apresentamos exemplos e práticas de racismo, também se tornam formas de denúncia.

Estar presente nas escolas é fundamental.

Tal como escrever, porque escrevo e também sou intelectual.

A nossa querida Márcia Tiburi mencionou isto anteriormente.

No Brasil temos, por exemplo, Eliane Brum, mas continuamos a ter uma estrutura em que muitas pessoas não reconhecem a contribuição intelectual das mulheres negras.

Eu também sou intelectual. Quero dizê-lo claramente às pessoas que aqui estão.

À escritora Conceição Evaristo, que representa o Brasil em muitas partes do mundo, fazem perguntas como: «Dança?»

E ela responde: «Posso dançar? Mas também sou intelectual.»

Penso que estes são momentos para desconstruirmos a nossa compreensão sobre aquilo que fazemos, sobre o nosso potencial e sobre as nossas capacidades.

São momentos como estes, congressos como este, os nossos espaços de escuta e as nossas visitas às escolas que podem ajudar a desmontar o mito da democracia.

Porque as pessoas dizem: «Somos todos iguais, ninguém discrimina ninguém.»

E isso não é verdade.

Aquilo que vemos entre as populações negras em Espanha, França ou Inglaterra, nas periferias, nos serviços e profissões marginalizados, entre as pessoas que vêm do continente africano e são atacadas aqui, pessoas cuja própria cidadania é posta em causa...

Não podemos considerar isto normal.

Temos de denunciá-lo.

Agnès Boixader

De certa forma, estão a dizer que nós, homens e mulheres europeus e brancos, também não temos a coragem de denunciar sistematicamente estas situações.

Faltam-nos coragem, determinação e essa necessidade de escrever, desenhar, demonstrar e, em algumas ocasiões, desobedecer para transformar esta sociedade, que é fundamentalmente capitalista e patriarcal e frequentemente homofóbica em relação a determinadas minorias.

Será que nós, europeus e brancos, precisamos de ser mais corajosos, embora eu, enquanto mulher branca, reconheça que nem sempre o sou?

Precisamos de ser mais corajosos na denúncia destas situações, sobretudo aqueles de nós que estão habituados a viver confortavelmente sem olhar para aquilo que acontece nas periferias das nossas cidades?

Angélica Dass

Acredito que, no mundo em que vivemos, todos, absolutamente todos, podem e devem utilizar a sua posição de privilégio — associada ao género, às minorias a que pertencemos e ao poder económico que possuímos — para denunciar a injustiça e tentar construir a sociedade igualitária, justa e democrática que queremos.

Todos, absolutamente todos.

Rosália Diogo

Sim, concordo. Concordo com a sua reflexão.

Entendo-a como uma provocação ao nosso pensamento.

Afinal, estamos a falar de uma disputa pelo privilégio, pela ascensão social e também, ou sobretudo, pelo poder económico.

Quando falamos da sociedade brasileira ou de outras sociedades ditas periféricas — que, para mim, são o centro, porque o continente africano é, na realidade, o centro — estamos a falar de uma luta que é normalmente liderada por homens brancos que se apresentam socialmente como heterossexuais.

O não reconhecimento da cultura de matriz africana, da nossa cultura e da nossa arte significa simbolicamente dizer que somos nós que detemos o poder, porque é a cultura europeia ou americana que estabelece as regras do mundo.

«Somos nós que temos o conhecimento.»

«Somos nós que vos oferecemos uma parte do nosso conhecimento.»

E isso não é verdade.

Esse conhecimento vem de África, do Egito, de tantos países africanos, da Etiópia.

Existe uma negação do nosso potencial, e essa negação é aprendida.

Poucas pessoas falam de Sheikhan Tadjopi, mas falam de Aristóteles.

Então, como surgiu esta seleção? Que livros escolhemos estudar? Que formas de conhecimento decidimos que valia a pena estudar?

Esta luta está presente em todos os campos do conhecimento e em todos os setores da sociedade.

Não é fácil ser uma mulher negra.

Quando as mulheres brancas saíram à rua para lutar pela criação do Dia Internacional da Mulher, a 8 de março, e por condições de igualdade, nós, mulheres negras, estávamos no fundo da cozinha, a cozinhar e a lavar a roupa dessas mulheres.

É por isso que hoje nos é difícil não afirmar a nossa condição de intelectuais, porque esta sociedade continua a não reconhecer a nossa contribuição intelectual.

A luta é constante.

Agnès Boixader

Não é fácil ser uma mulher negra. Não é fácil ser pobre. Não é fácil ser gay. Não é fácil viver qualquer uma dessas realidades que algumas pessoas consideram anomalias.

Mas a minha pergunta continua a ser a mesma e continua a preocupar-me.

Olho para o público e não sei que cor Pantone surgiria, mas quando penso na cidade de Granollers, vejo que as periferias, também aqui, estão sub-representadas.

Por isso, a questão continua a ser a mesma: como chegamos aos cidadãos através da cidade?

Como chegamos àqueles que vivem na periferia e raramente têm oportunidade de participar, por vezes porque nem sequer sabem que podem fazê-lo?

Não me refiro apenas a eventos como este, mas às muitas outras atividades que podem acontecer na cidade.

E, se concordarem, penso que isto nos conduz ao final.

Angélica Dass

Gostaria de acrescentar uma coisa.

Em muitos projetos artísticos, tenho de pensar em que momento do dia posso organizar atividades para que alguém que trabalha das oito da manhã às oito da noite, que tem filhos em casa e mal consegue ajudá-los com os trabalhos de casa, possa participar.

Continuo otimista porque, mesmo que possa não ter visto a diversidade na linha da frente, vi-a entre os estudantes.

Penso que esse é o ponto fundamental. É por isso que continuo a depositar a minha esperança na educação, nestas conversas que podemos ter e nestes espaços.

A escola, certo? Seguindo o seu argumento, teremos de fechar a escola.

Porquê?

Para que a educação possa passar para a rua e as crianças possam brincar lá.

Estou convencida de que, no futuro... Pelo menos é assim que vejo as coisas: isto não é uma corrida de cem metros, mas uma maratona.

Gosto de correr.

Por isso, continuo a correr em direção a uma meta que está muito longe, e veremos quando lá chegarei.

Provavelmente não conseguirei ver os benefícios nem colher os frutos das sementes que estou a plantar, embora este processo me emocione e me dê prazer.

Mas está tudo bem.

Continuarei a plantar sementes.

Alguma árvore há de crescer.

Rosália Diogo

Para concluir, vejo o Albert ali e penso que ele quer dizer-nos alguma coisa sobre a continuidade do processo.

Gostaria de agradecer-vos novamente pelo convite.

Parabéns ao Comité Científico pela escolha do tema e do local.

Vejo esta cidade de Granollers como uma cidade que também educa poderosamente através das suas ruas.

Gostaria de agradecer especialmente aos jovens participantes no congresso por estarem aqui.

E que maravilhoso é que as crianças possam aprender desde cedo que precisamos de pensar e praticar a inclusão.

Somos pessoas que fazem parte de um processo de não inclusão.

Estamos aqui para promover o movimento contrário e construir uma sociedade verdadeiramente equitativa.

Não pode haver democracia com tanta desigualdade.

Estamos envolvidos num exercício democrático, mas ainda temos um longo caminho a percorrer até alcançarmos esse nível de maturidade.

Muito obrigada pelo convite e muito obrigada a todos por estarem aqui e nos ouvirem.

Espero que possamos criar outros espaços, muitos, muitos espaços, em muitos outros lugares, para continuarmos o nosso processo educativo.

Muito obrigada.

Agnès Boixader

Terminemos aqui, expressando uma vez mais a nossa enorme gratidão à Angélica e à Rosalia por terem partilhado connosco os seus projetos.

Esperamos que, a partir daqui, a partir da força que possa emergir deste Congresso Internacional e, como disse Pablo Sendra no outro dia, possamos construir gradualmente bairros que sejam verdadeiramente nossos, que liguem o centro e a periferia de forma muito mais eficaz e permitam também que essas zonas periféricas se tornem espaços centrais.

E que possamos, como diz o título da conversa que estas duas mulheres partilharam connosco, abraçar a diferença.

Muito obrigada.